



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS
PROJETO SEGUNDO TEMPO**

SELDA ENGELMAN

(depoimento)

2010

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpendo Memórias – Segundo Tempo

Número da entrevista: E-144

Entrevistada: Selda Engelman

Nascimento: Não informado

Local da entrevista: ESEF/UFRGS – Porto Alegre/RS

Entrevistadora: Paula Andreatta Maduro

Data da entrevista: 29/06/2010

Transcrição: Paula Andreatta Maduro

Conferência Fidelidade: Paula Andreatta Maduro

Copidesque: Marco Antonio Ávila de Carvalho

Pesquisa: Marco Antonio Ávila de Carvalho

Fitas: Gravador digital

Total de gravação: 38 minutos

Páginas Digitadas: 12

Catálogo: Luciane Silveira Soares

Registro: Vera Maria Sperandio Rangel

Número de registro: 02152/2010/01

Observações: Após a leitura, a entrevista alterou alguns trechos do depoimento.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que textual e que a fonte seja mencionada conforme especificação abaixo.

ENGELMAN, Selda. *Selda Engelman (depoimento, 2010)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE – ESEF/UFRGS, 2010.

Sumário

Formação acadêmica e profissional; início do envolvimento com o Programa Segundo Tempo (diretora administrativo-financeira); capacitações; material didático (livro capa verde); atuação no PST: gestão do projeto a nível nacional, criação das equipes colaboradoras, da rede, equipe gestora; funcionamento do Projeto: capacitação, acompanhamento; avaliação do PST: aspectos positivos, limites; opinião para a maior qualificação do Programa; contribuição do PST para a inclusão social; requisitos para trabalhar na parte administrativa do Programa; importância na preservação da memória do PST.

Porto Alegre, 29 de junho de 2010. Entrevista com a professora Selda Engelman, a cargo da pesquisadora Paula Maduro para o Projeto Garimpendo Memórias - Projeto Segundo Tempo.

P.M. - Bom dia Selda. Muito obrigada pela entrevista. Gostaria de saber da tua formação profissional, da tua Graduação e Pós-Graduação.

S.E. – Bom, eu sou formada em Administração de empresas e em Administração Pública. Meu mestrado é em Psicologia e o meu doutorado é em Educação.

P.M. – A tua experiência profissional em escolas, clubes, gestão...

S.E. – Bom, é que a minha experiência é - como eu posso te dizer - é uma experiência que não é reta, não tem uma linha. Já trabalhei em inúmeras coisas, desde trabalhos acadêmicos, filosóficos, na área da psicologia, até os relacionados à gestão dentro de empresas públicas e empresas privadas como consultora. Mas, principalmente, eu quero salientar que eu fiz administração pública para não ficar apenas vinculada às empresas privadas, por uma questão de ideologia, de pensamento mais crítico, em relação às empresas privadas.

P.M. – E, atualmente, tu trabalhas como professora universitária?

S.E. – Sim, eu trabalho na área de gestão de pessoas, eu coordeno um MBA¹. Além disso, eu trabalho aqui na Escola², e estamos aí com vários projetos com o Ministério do Esporte. O principal deles é o Segundo Tempo.

P.M. – A tua relação com o Projeto Segundo Tempo. Como tu conhecestes o PST?

S.E. – Olha, considero que a nossa aproximação com o Segundo Tempo se deu de forma gradual. Iniciamos com um projeto que na realidade foi um projeto piloto, uma capacitação

¹ Master in Business Administration (Mestre em Administração de Negócios).

² Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (ESEF/UFRGS).

de coordenadores de núcleo aqui em Gramado³. Tudo isso, atrelado a se pensar diretrizes para o PST, uma filosofia pedagógica que pudesse ser única, ou que pudesse, claro, estar sempre em construção. Não uma filosofia estática que tivesse uma diretriz única. Então, inicialmente, nós, a Universidade, fomos procurados no sentido de auxiliar, apoiar, esta construção dessa diretriz pedagógico-filosófica. E, essa diretriz pedagógico-filosófica, se fez primeiro pela produção de material didático, mas não só produção, como também disseminação desse material pedagógico. E, uma das formas de se disseminar o material didático, seriam as capacitações. Fomos convidados, então, para fazer este evento em Gramado que foram mais ou menos 250 pessoas, em 2007. Neste evento, experimentamos um modelo de capacitação que poderia ser estendido a outros eventos.

P.M. – E o livro que se formou, foi produzido a partir desse processo de capacitação? Aquele livro verde⁴, de capa verde?

S.E. – O que aconteceu é que fizemos essa capacitação e se estruturou um modelo para capacitações. A responsabilidade de capacitar, inicialmente, dividimos com outras Universidades no Brasil. Nós ficaríamos com a região Sul, UFMG⁵ com a região Sudeste e a UFRN⁶ com a região Norte/Nordeste. Mas, isto acabou não se concretizando. Logo assumimos a Região Sudeste e, por fim, o Norte/Nordeste. Estas capacitações tinham como objetivo principal disseminar este conhecimento produzido por meio dos livros, do livro verde. Este era o ponto principal.

P.M. – Como e quando tu iniciaste a trabalhar com o PST? Foi um convite, uma seleção, uma cedência?

S.E. – Eu comecei a trabalhar inicialmente em 2007 com a primeira capacitação em Gramado e também com um projeto de acompanhamento dos núcleos na região Sul e Sudeste, no qual os consultores foram fazer uma avaliação prévia destes núcleos também

³ Cidade do Estado do Rio Grande do Sul.

⁴ Material Didático para o Processo de Capacitação do Programa Segundo Tempo. Impresso pela Gráfica da UFRGS em 2008.

⁵ Universidade Federal de Minas Gerais.

⁶ Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

como um projeto piloto. Neste projeto eu já entrei junto com o professor Ricardo⁷ no sentido de organizar toda a logística. Foi a minha primeira aproximação. Depois fomos convocados para o projeto no Brasil - que eu já mencionei -, cuja proposta teríamos que apresentar em um curtíssimo espaço de tempo no recesso de Natal e Ano Novo. Observo que, pela urgência da apresentação do projeto, ofereci aos meus colegas de secretaria na ESEF a possibilidade de ingressarmos juntos no projeto, mas não houve interesse, haja visto que a sobrecarga naquele momento foi intensa. No meu período de férias, minha participação se tornou mais ativa, pois eu fiz toda a logística inicialmente do Sul e Sudeste e, logo após, fui convidada pelo próprio Ministério. Passei, então, a organizar também a capacitação do Norte/Nordeste, do Brasil inteiro.

P.M. – O teu vínculo é com o Ministério?

S.E. – São vários projetos. Logo em seguida nos foi proposto a continuidade das capacitações e, em julho de 2008, se configurou o que se intitulou de processo de capacitação, avaliação e acompanhamento de núcleos, que resultou no grande projeto que temos hoje. Tínhamos que ter um acompanhamento da capacitação para que estes núcleos tivessem um apoio, para que eles pudessem desenvolver o que eles aprenderam e discutiram na capacitação e, ao mesmo tempo, fazer propostas de novas sugestões e melhorias. Porque é um processo contínuo, não um processo de aprendizado estático. Este Projeto tem dois eixos principais: a capacitação e o acompanhamento. Mas, para que essa capacitação, esse acompanhamento, se fizesse pelo Brasil inteiro, nós tivemos que criar uma nova estrutura administrativa composta pela equipe gestora do projeto e pelas equipes colaboradoras, a criação de uma rede, que chamamos. Inclusive, o que escrevemos que está para publicar, é uma rede que se coloca com as equipes descentralizadas por região no Brasil inteiro. Nós sentimos que, com a proximidade das equipes, com os convênios, regionalmente se produziria melhor. Por que isso? Porque tem a cultura, tem a história, tem todas as condições que toda região tem que são peculiares. Não quer dizer que não vai haver uma troca, que o avaliador nunca vai poder sair de um lugar para o outro para poder capacitar e acompanhar, mas a região tem uma língua que nós sabemos que não é uma língua técnica e nós consideramos que tem mais condições de poder passar certas questões, discussões e propriamente o conhecimento. E, além disso, pensamos que a região te dá

⁷ Ricardo Demétrio de Souza Petersen. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

uma condição de minimizar o custo, pois não precisamos deslocar as pessoas de outros lugares como fazíamos antigamente. O nosso custo das capacitações baixou, após a nova estrutura, de 25 a 50%. Além do que, com essa aproximação e formação dessa rede - que é na realidade composta por professores universitários de instituições públicas ou alunos de Pós-Graduação -, amplia-se a possibilidade de se fazer parcerias com estas Universidades públicas e, assim, na cedência de espaços e equipamentos, minimizar ainda mais o custo das capacitações, não descartando a questão da qualidade que não pode ser descartada, mas todas essas parcerias favorecem bastante. A rede se forma com as Universidades e não apenas com as Equipes Colaboradoras. Todas as exigências das equipes passaram a ser objeto do Projeto. Quem está fazendo isto somos nós aqui em Porto Alegre⁸. Fazemos todo este controle, cuidado, logística, para cumprimento desses objetivos.

P.M. - A tua função no PST é de coordenadoria junto ao Ministério?

S.E. – Na realidade hoje são duas coisas diferentes: Existe o Programa Segundo Tempo localizado no Ministério e o Projeto Acompanhamento, avaliação e capacitação dos núcleos do PST, no Brasil. O Ministério gerencia o Programa Segundo Tempo, nós, o Projeto. O Ministro solicitou a cedência, assim que ele viu que o Programa estava avançando e que tinha bons resultados, convidou a mim e ao professor Ricardo que só nos dedicássemos ao Programa. E, na realidade, isso hoje não se confirma, não temos como nos dedicar só ao Programa, mas grande parte de nossas atividades estão voltadas a ele. No entanto, o Projeto que nós gerenciamos, que tocamos, não é um gerenciamento só da Universidade, nós temos uma equipe gestora junto. E, esta equipe gestora, é mista. Nós temos aqui eu e o Ricardo, o Amauri⁹ em Maringá¹⁰, o Luis Cláudio¹¹ em Londrina¹², a Gianna¹³ e Claudia¹⁴ no Ministério, além do Dirceu¹⁵ que é responsável pelo sistema de informação e outros componentes que podem se sentir incluídos aqui, mas não citarei um a

⁸ Capital do Estado do Rio Grande do Sul.

⁹ Amauri Aparecido Bassoli de Oliveira. Coordenador pedagógico do Programa Segundo Tempo.

¹⁰ Cidade do Estado do Paraná.

¹¹ Luiz Cláudio Reeberg Stanganelli. Universidade Estadual de Londrina.

¹² Cidade do Estado do Paraná.

¹³ Gianna Lepre Perim. Diretora do Departamento de Esporte Escolar e Identidade Cultural da Secretaria Nacional de Esporte Educacional. Ministério do Esporte.

¹⁴ Cláudia Bernardo. Coordenadora de implementação do Programa Segundo Tempo.

um. São pessoas que auxiliam a levar as ações, a decisões, a novas diretrizes do próprio projeto.

P.M. – Há quanto tempo tu trabalhas no PST?

S.E. – Desde 2007.

P.M. – Qual a extensão do teu trabalho no PST (regional, estadual ou nacional)?

S.E. – São todas, até internacional. Já tivemos ações internacionais.

P.M. – Essas ações internacionais são os TOP's¹⁶?

S.E. – Não, os TOP's é um projeto dentro dos Projetos especiais. O internacional se refere aos Moçambicanos que trouxemos para cá, estes que foram capacitados, tem aí uma ideia de intervenções de ações no PST. Vamos ver como vai seguir.

P.M. – Sobre a temática do PST, o que conhece sobre o início e seus desdobramentos?

S.E. – Tudo. O que eu não conheço é a questão dos convênios que nós não temos relação nenhuma, ou seja, quem faz convênio com quem, porque se dão os convênios. Fazemos depois capacitação e acompanhamento.

P.M. – Uma visão sobre a estruturação do PST, os eixos, os núcleos, as equipes colaboradoras, gestoras?

¹⁵ Dirceu Lopes de Mattos. Secretaria de Esporte Educacional. Ministério do Esporte. Departamento de Gestão de Projetos e Tecnologia da Informação. Secretaria de Esporte educacional, Ministério do Esporte.

¹⁶ O Programa TOP Play e TOP Sport, “construindo um futuro melhor para jovens por meio do esporte” é uma proposta do Governo do Reino Unido da Grã-Bretanha e da Irlanda do Norte, o qual propõe atividades motoras para crianças dos 04 aos 07 anos (TOP Play) e para crianças dos 08 aos 12 anos (TOP Sport). Esta parceria se constitui em um estudo piloto para explorar as possibilidades de aproximação do Programa TOPs (Jogos e Esportes) ao Programa Segundo Tempo, bem como à realidade nacional.

S.E. – O que queres saber sobre isso? O Projeto Programa ou o Projeto? Isto é que eu quero tentar te explicar!

P.M. – Agora que eu estou entendendo.

S.E. – São duas coisas diferentes: o Programa é o Programa do Ministério do Esporte, tem algumas ações, como, por exemplo, o Programa Quero-quero¹⁷, que entrou num edital e se tornou Segundo Tempo, isto é, parte do Programa. Claro que também vai refletir posteriormente na parceria que o Ministério do Esporte tem conosco, como na capacitação e no acompanhamento.

P.M. – Quero te perguntar sobre o Projeto, isto é importante de esclarecer. Em relação ao Projeto Segundo Tempo, como funcionam os eixos, núcleos?

S.E. - O Projeto tem dois objetivos claros: capacitação e acompanhamento. Tudo o que envolve os dois é conosco. Para capacitarmos e acompanharmos precisam ser recursos humanos. Hoje temos em média 200 ou 230 bolsas, para bolsistas que trabalham diretamente vinculados ao Projeto. Que tipo de pessoas são essas? São pessoas que formam as equipes colaboradoras no Brasil inteiro. Hoje, nós estamos propondo uma equipe colaboradora para os Projetos Especiais. Estes Projetos Especiais também expandiram. São equipes que, em média, tem 10 pessoas, um coordenador, um vice e 8 colaboradores. Estas equipes capacitam no Brasil inteiro, nas regiões. Hoje temos 23 equipes colaboradoras, sendo uma de Projetos Especiais, com a média de participantes como já falamos 10 pessoas. Isto é um eixo. As equipes acompanham os núcleos e capacitam os mesmos. Já a equipe gestora do Projeto é formada por mim, pelo Ricardo, coordenador, eu sou diretora administrativo-financeira, o Amauri em Maringá, a Gianna (Diretora do Ministério do Esporte), a Cláudia Bernardo (coordenadora) e o Dirceu, dos sistemas de informação. Cada um de nós tem equipes que cuidam de coisas relacionadas entre si, mas que consideramos que tem especificidades e inter-relações. O Amauri coordena toda a parte pedagógica: controla as capacitações e produção de material pedagógico, o Luis Cláudio coordena o

¹⁷ Projeto Quero-Quero (PQQ), parte integrante do Programa Educação pelo Esporte, é uma parceria entre a Escola de Educação Física da UFRGS com o Instituto Ayrton Senna e conta com o apoio do banco de alimentos (FIERGS). O objetivo principal do projeto é a formação integral dos participantes tendo o esporte como principal eixo.

acompanhamento e as visitas, já o sistema de informação é o professor Dirceu junto com o professor Álvaro¹⁸ de Maringá. Tem o Sérgio¹⁹ que é importante, fez parte da parte pedagógica e depois foi para o Ministério, mesmo vinculado ao Projeto. O professor Amauri, com o Recreio nas Férias²⁰ com a Silvia²¹ no Ministério do Esporte. A Gianna é uma das diretoras do Ministério e a Cláudia é a coordenadora na parte do Ministério. Pessoas que tem equipes próprias que trabalham vinculadas e relacionam-se sempre, mas tem a sua equipe para as suas atividades. Isto é a equipe gestora. Depois temos as equipes de Projetos Especiais: a ginástica, Navegar²², Sócio-educativos, enfim, são equipes que se formam de acordo com os Projetos Especiais. Além disso, temos o PROESP²³, de avaliação, que não é um Projeto Especial que tem que ter todas as atividades de um Projeto padrão, capacitação, acompanhamento e o PROESP capacita, mas tem atividades específicas como o projeto Memória. É um Projeto dentro do nosso Projeto, tem importância, relevância. Temos o PROESP que é avaliação das crianças, esse processo de avaliação com o PST, temos a memória para podermos registrar o que acontece, inclusive, o processo que é importante para podermos registrar, pois tudo o que não é registrado se perde. O registro tem uma memória mais forte. É um registro legítimo.

P.M. – E, os Projetos especiais hoje eles são em número x e o Navegar...

S.E. – Na verdade, o Navegar era um Projeto especial então dentro do PST Padrão. Nós tiramos uma ação especial para eles, capacitam, acompanham, fazem tudo como projeto padrão. Cada um deles tem as suas especificidades. Existe no Navegar um questionário padrão dele, resolveu aprimorar com mais entrevistas. Mais isto é com cada projeto.

¹⁸ Álvaro José Periotto. Universidade Estadual de Maringá.

¹⁹ Sérgio Augusto Rosa de Souza. Participa da Equipe Gestora do Programa Segundo Tempo, tendo como funções de formador e consultor em diversas capacitações em nível nacional. Atua também na avaliação de projetos pedagógicos dos convênios do Programa.

²⁰ Projeto integrante do Programa Segundo Tempo que tem como finalidade oferecer às crianças e adolescentes do programa, no período de férias escolares, opções de lazer por meio do desenvolvimento de atividades lúdicas, esportivas, culturais, sociais e turísticas.

²¹ Silvia Regina de Pinho Bortoli. Coordenadora-Geral de Apoio, Capacitação e Eventos Esportivos do Departamento de Esporte Escolar e Identidade Cultural da Secretaria Nacional de Esporte Educacional. Ministério do Esporte.

²² Projeto Navegar, ligado ao Ministério do Esporte.

²³ Projeto Esporte Brasil. Observatório permanente de indicadores de crescimento e desenvolvimento corporal, motor e do estado nutricional de crianças e jovens entre 7 e 17 anos.

P.M. – E o Quero-quero entraria dentro desses Projetos Especiais?

S.E. – O Quero-quero seria um Projeto padrão dentro do Ministério, do Projeto Segundo Tempo, como projeto padrão.

P.M. – Qual seria a diferença entre o Projeto Padrão e dos Projetos Especiais?

S.E. – São algumas peculiaridades, mas não queremos mais ter essas diferenças. Hoje, estamos incorporando o Projeto padrão.

P.M. – As Capacitações, acho que já falaste bastante. Quando foi e para quem foi?

S.E. – Não, as capacitações fazem para todos, não só para coordenador de núcleo, geral, para equipes do Ministério, monitores, colaboradores de equipes. Ela abrange todos os níveis, uma aprendizagem continuada. Tentamos uma tele-presencial que não deu certo, pois foi emergencial. Claro que com mais estudo e cuidados a coisa vai tomar outra forma. No ano passado foi muito de urgência, era um piloto e ajustamos os processos para melhorar. A capacitação tem 100% de sucesso. Não começou com facilidade também, pois tivemos de urgência fazer em uma semana o Brasil todo, mas deu certo. Hoje temos um padrão com coisas bem definidas, pequenas. Não tem nada que se possa dizer contra o processo em si. Buscamos sempre aprimorar a validação futura, mas o processo em si tem sido muito perfeito. Temos um “feedback” positivo e ficamos muito felizes como positivo, pois temos que agradar o Brasil inteiro, pessoas diferentes. Exatamente por isso, oportunizar o melhor custo também. Eu abria todas as capacitações, viajei dois meses seguidos. Hoje, as que eu vou, me sinto uma visita.

P.M. – Tem alguma prevista para agora? Quantas para 2010? Pois em 2008 e 2009 tiveram muitas.

S.E. – Em 2008 tiveram 36 capacitações, foram 28 no Projeto, mas tiveram mais antes, foram vários Projetos. Em 2009 tiveram 36, uma coisa assim. Nossa expectativa, quer dizer, nesse ano, é capacitar até 4000 pessoas. Este ano serão 40 eventos em média só de capacitação, fora os outros eventos que nós fazemos para o segundo semestre de 2010.

P.M. - A avaliação do PST: quais são os pontos positivos? Em primeiro lugar ao Programa e depois ao Projeto.

S.E. – Eu considero assim: o Projeto cresceu muito em consistência. O que eu acho mais positivo de tudo é condição de construção, pois, se tu sempre dizes assim que o Projeto é uma coisa fechada, não é. Nós estamos alterando sempre. Então, dentro deste engessamento que podemos pensar que existe, não temos medo de ficar alterando. Nós alteramos, é difícil, mas todo tempo estamos alterando. Porque por isso é que podemos dizer que as coisas podem ficar melhores ainda. Hoje consideramos que está em um patamar perto do bom, mas sempre podemos construir, isto é o positivo. Vendo vários resultados. Fomos às capacitações e conversei com os próprios coordenadores, com as crianças, tive possibilidade de ver desenhos, tu enxergas coisas reais que acontecem de positivo com relação a isso. Com isto vemos que todo mundo, ou melhor, uma grande parte voltada para esta questão de poder dizer do antes e depois. O Projeto melhorou demais. Eu acho que a tendência, se der continuidade, é que fique mesmo uma excelência gestora. De repente até pode-se dizer que tem algum modelo que possa ser excelência, que venha ter todo modelo como excelência. Já o Programa em si eu acho que muito do que ele tem está relacionado com o Projeto. Claro que eu não posso entrar em questões políticas, porque isto não é exatamente o que eu sei hoje. O que nós sabemos do Brasil é que existem esferas políticas e nos cabe trabalhar sempre em prol do bem público. O PST tende a ser um dos maiores programas do Brasil do esporte, uma área que foi desprivilegiada, tendendo a se concretizar como uma política pública, isto que o nosso desejo é poder enxergar que realmente tem efeito de política pública, que os profissionais do esporte estão beneficiados e que as pessoas que estão ali também estão. Tem uma finalidade social total de desenvolvimento das crianças, está dando uma educação por meio do esporte que é real. Um trabalho bem feito, profissional, ou seja, tudo o que a criança tem dentro do seu desenvolvimento.

P.M. – Os limites do PST para ti?

S.E. – Os limites são as mudanças de governo.

P.M. – Pode se definir Programa como uma parte política do Segundo Tempo e o Projeto como a parte pedagógica?

S.E. – Não, eu acho que já foi assim, hoje não é mais. Hoje nós somos totalmente pedagógicos. O Programa em si. As outras foram cortadas na maior parte delas que tiveram problemas. Isto porque também não dá para fazer um trabalho que não vai ser considerado. Então se dizemos que vai ser assim, não somos donos da verdade, mas tem que ser construído isto, ou pelo menos proposto e flexível.

P.M. – Na tua opinião o que é possível fazer para o Programa se qualificar mais. Quais são as possibilidades do PST?

S.E. – Eu tenho uma imagem, sendo da educação, eu acho que a construção se faz com discussões. A Silvana²⁴ já participou e pode te dizer a respeito. As equipes são as que participam e isto eu acho fundamental. Não é o professor que vai e escreve um texto e fica por isto mesmo. Existe uma discussão em cima, quem não concorda fala, quem concorda fala, quem acha que pode ser assim. Então, tu abres para as pessoas a possibilidade da construção coletiva, não é algo que é imposto, tem que ser assim. Discute-se, se muda, se mexe, se faz, se refaz, coisas que podem melhorar, como o livro branco²⁵, como tem que ser melhoradas como foi o livro verde, isto sempre na construção. Não dá para se dizer como isto aqui é o ideal. A melhora vai se fazendo quando permanecer esta construção. Volto a dizer que para mim é o maior ponto positivo, de poder dar continuidade construindo coletivamente.

P.M. – Qual a contribuição do PST para a inclusão social?

S.E. – Esta contribuição estatisticamente, eu não sei se já foi feita, deveria ter sido feita. Eu escutei depoimentos de núcleos que conseguiram retirar 50% das crianças do sinal. Isto é um indicador de inclusão. Então, dá para tirar as crianças do sinal. Acho que responde.

²⁴ Silvana Vilodre Goellner. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

²⁵ Fundamentos Pedagógicos do Programa Segundo Tempo: da reflexão à prática. Organizado por Amauri Aparecido Bássoli de Oliveira e Gianna Lepre Perim. Publicado pela Editora da UEM em 2010.

P.M. – O Projeto na sua prática atende os objetivos propostos?

S.E. – Sim, totalmente. Até além do que está proposto.

P.M. – Uma dúvida minha: esta parte de quem vai participar da parte administrativa, sei que é em relação ao Programa. Esta seleção de quem vai participar?

S.E. – A seleção tem requisitos: professores de Universidades públicas e alunos. Aqui eu tenho um requisito: os meus alunos têm que ser da gestão. Foram meus alunos de Graduação e Pós-Graduação, porque a minha área é a gestão. Isto é o que eu coloco de requisito, por exemplo, a Najla²⁶ tem Pós-Graduação em Projetos Sociais e Orçamento financeiro. A Priscila²⁷ é pedagoga organizacional, depois fez um curso muito interessante, Educação corporativa, a Carolina²⁸ e a Michele²⁹ estão fazendo um MBA em gestão de pessoas. O único que está fora foi o Kiki³⁰. Na realidade, ele está fazendo Pós em Educação Física. Eu achei que ele inicialmente entrou aqui e não consegue sair, foi ficando. Os requisitos é ter formação na gestão. A seleção que eu faço é dos alunos que eu conheço. Não vou abrir seleção se tenho alunos com excelência, com competência. Como são bolsistas, não temos que abrir edital público, somente se fossem contratados. Mesmo assim, tentamos abrir editais públicos e muita gente não veio, não entendeu. O que pensamos? Vamos fazer como requisitos professores universitários federais. Tem que ser na área da Educação Física, não pode ser de outra área, só Educação Física. Então, tu estás dando oportunidade profissional para um universitário federal. Ele é da área da Educação Física, ele vai montar a sua equipe, sendo pessoas dentro dos requisitos. Os requisitos dentro das equipes estão voltados para a questão acadêmica. E depois, claro, que se a pessoa não tem condições ela vai embora. Mas eu acho que quem tem que montar a equipe é o gestor. Eu é que tenho que escolher as pessoas que irão trabalhar para mim. Eu penso que é assim.

P.M. – Como funcionam os TOP's?

²⁶ Najla Fontoura Poeckel.

²⁷ Priscila Vaz Domingos.

²⁸ Carolina Caldas Remério.

²⁹ Michele Ferrão Miranda.

³⁰ Rudiard Vogt Dorr.

S.E. – Quem poderia te falar melhor sobre os TOP's é o professor Ricardo.

P.M. – Sobre os materiais...

S.E. – O que temos de materiais está à disposição. Nós filmávamos praticamente tudo antigamente. Hoje vimos que não é necessário isto, pois todo mundo já sabe como funciona. Os livros, fotografias com as equipes pedagógicas, as equipes estão produzindo material também. Acho que material não falta.

P.M. – Tu achas importante preservar a memória do PST, por quê?

S.E. – Eu acho que a questão da oralidade é importante. Nós tínhamos uma época que nós fazíamos produção oral da memória. Então, ali eu acho lindo, porque, claro, os mitos, tudo se reproduzia. Eu gosto, mas a questão da memória escrita já te dá outra consistência. A memória é fundamental, ela forma uma memória viva, está sendo construída no momento, junto. Estamos pegando coisas que estamos vivendo estas coisas junto. Mais do que isto é uma memória que possa trazer para dentro deste Programa esta inovação toda, que realmente dentro da organização pública como é difícil nós fazermos as coisas e as coisas darem certo com todo o engessamento. Falta de condições de recursos, todas as coisas que envolvem. Esta memória vai mostrar que existem possibilidades de contribuição para o nosso país, e para o esporte.

P.M. – A perspectiva de o Projeto continuar.

S.E. – Estamos propondo dar continuidade para 2011. Devido aos recursos terem um volume grande, colocamos dentro do Projeto um auditor da União para ver tudo o que estamos fazendo e, que depois não venhamos a ter problemas. Isto nós tendemos a fazer futuramente também: sempre ter um auditor nesta consistência, nesta competência para nos auxiliar nas ações.

P.M. – Eu gostaria de agradecer esta entrevista imensamente, pois foi muito rica e esclarecedora.

[FINAL DO DEPOIMENTO]